

## GRAMATICALIZAÇÃO DE “VOCÊ”: UM PROCESSO DE PERDA DE INFORMAÇÃO SEMÂNTICA?

Lorenzo Vitral e Jânia Ramos\*

**RESUMO:** O processo de mudança envolvendo as formas *vossa mercê* > *você* > *cê*, analisado em Vitral (1996) e Ramos (1997), é retomado nesse artigo que discute a natureza da modificação semântica apontada na literatura sobre gramaticalização. Argumentamos que o processo acima deve ser descrito, na verdade, como uma perda de referência virtual (Milner, 1982) e não como uma “perda de conteúdo semântico”, que, por outro lado, é adequado na descrição do uso expletivo da forma *você*.

**Palavras-chave:** formas de tratamento, cliticização, gramaticalização, expletivo.

### 1. INTRODUÇÃO

O termo gramaticalização tem sido usado, desde sua introdução por Meillet (1958), para designar certo tipo de fenômeno lingüístico que, do ponto de vista diacrônico, pode ser definido como “a process which turns lexemes into grammatical formatives and makes grammatical formatives still more grammatical” (Kurylowicz, 1965).

A maioria dos autores que trabalham com essa noção concordam com a idéia de que a gramaticalização de lexemas descrita acima implica “perda de conteúdo semântico” e também “perda de substância fônica”. Observe-se, por exemplo, o seguinte trecho de Heine e Reh (1984) (apud Traugott e Heine, 1991) que definem gramaticalização como “an evolution whereby linguistic units lose in semantic complexity... and phonetic substance...”. Visando a descrever esse fe-

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais.

VITRAL, Lorenzo e RAMOS, Jânia. *Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica?*

nômeno de forma mais explícita, Hopper e Traugott (1991) propõem que o processo de gramaticalização obedece às seguintes etapas:

- (1) item com significado lexical > item grammatical > clítico > afixo

Neste artigo, pretendemos examinar a natureza da mudança de estatuto de morfemas descrita pelas três primeiras etapas de (1). Buscaremos responder à seguinte pergunta: como tratar a “perda de conteúdo semântico” alegada pelos autores acima? Vamos considerar o caso da gramaticalização de *você*. Historicamente inicia-se com a expressão lexical *vossa mercê* (= favor vosso > pessoa que presta um favor) e chega até o clítico indeterminador *cê*.<sup>1</sup> Em que sentido é possível afirmar que o conteúdo do clítico indeterminador é sem significado enquanto que a capacidade de denotar da expressão *vossa mercê* dispõe de significado? Esta descrição dos fatos, que nos parece intuitivamente adequada, não é, como deixa entender nosso breve resumo, suficientemente explícita.

Com vistas a explicitá-la, faremos inicialmente uma breve retrospectiva de um estudo descritivo das formas *você/ocê/cê* no dialeto mineiro, de modo a introduzir as noções de referencialidade virtual, referencialidade real e não referencialidade, com o propósito de demonstrar que se falar em perda de conteúdo semântico do item durante o processo de gramaticalização é inadequado, visto que nem todo item grammatical é necessariamente menos referencial. Trata-se, portanto, de uma alteração na natureza da referencialidade. Em seguida, utilizando ainda os dados do estudo acima referido, vamos apontar um estágio ainda não contemplado nas descrições correntes do processo de gramaticalização: trata-se da etapa de formação de expletivos. Por fim, argumentaremos a favor de que a escala (1) seja revista, de modo a evitar mistura de elementos de níveis gramaticais distintos.

*As questões discutidas aqui fazem parte de um projeto maior cujo objetivo é buscar explicar, em termos de processos e operações do componente formal da gramática, as mudanças sintáticas capturadas através da noção de gramaticalização.*

---

<sup>1</sup> Ver Vitral (1996) e Ramos (1997).

## 2. GRAMATICALIZAÇÃO DO *VOCÊ*: UMA BREVE RETROSPECTIVA

Vitral (1996) apresenta argumentos a favor de que o estatuto gramatical do item *você* sofreu alteração, tendo passado de pronome a clítico. Concomitantemente, a forma *você* passa a concorrer com *cê*. Assim, *você* seria um pronome e *cê* seria um clítico. Teria havido aí, portanto, um processo de cliticização que, nos termos de Hopper e Traugott (1993, p.132), faria parte de um processo mais geral de grammaticalização.

Num estudo variacionista das formas *você* e *cê*, Ramos (1997) observou, com base no tempo aparente, certa tendência à especialização no uso destas formas: os jovens tendem a usar *cê* com referência menos definida enquanto que os velhos o usam com referência definida, respectivamente, 55% e 59% (cf. tabela 6, in Ramos, op.cit., p.50). O fato de haver esta tendência à especialização não invalida o tratamento variacionista, visto que não há uso categórico do *cê* quer com referência definida quer com referência indefinida nem no corpus geral, respectivamente, 188/342 e 154/342, nem na fala dos informantes, tomada individualmente, e nem num mesmo grupo etário (cf. tabela 6, op.cit.). Por outro lado, o fato de haver tendência à especialização não impede de se identificar um processo de grammaticalização em andamento. Ao se ter em conta o período de tempo global do processo de grammaticalização, os períodos de especialização indicam muito mais etapas do que interrupção do processo. Portanto, identificar períodos de especialização não significa identificar momentos potenciais de interrupção do processo de mudança lingüística.

O processo de cliticização é descrito por Hopper e Traugott (op.cit., p.132) como apresentando duas propriedades. A primeira é a perda de autonomia lexical, sendo mais contextualmente dependente. Em relação ao *você* e *cê*, de fato, o item cliticizado é fonologicamente mais reduzido (duas sílabas > uma sílaba) e sem independência fonológica, o que fica evidenciado, por exemplo, em (2), abaixo, pela impossibilidade de *cê* aparecer sozinho como resposta a uma pergunta. Outros dados, levando à mesma conclusão, são apresentados em Dutra (1991), Vitral (op.cit.) e Ramos (op.cit.).

VITRAL, Lorenzo e RAMOS, Jânia. *Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica?*

(2) Quem vai sair? (Ex.18, de Dutra, 1991).

— (V)ocê!

— \*Cê

A segunda propriedade destacada por Hopper e Traugott é uma tendência a “uma significação mais geral” (p.133). Por significação mais geral entenda-se um percurso que poderia ser descrito através das seguintes etapas: +def/+ref >-def/+ref > -def-ref (cf. Croft, 1990, apud Hopper e Traugott, 1993, p.157).

A análise de enunciados com cê mostra que este ora ocorre com referência definida, como em (3), ora indefinida, como em (4).

(3) de que lado cê tá? (ex.1, Ramos, 1997)

(4) Cê pode visitar sempre esse local (ex.10d, idem)

(=Pode-se visitar sempre esse local)

Se for correta a correlação entre perda de substância fonética e perda de conteúdo semântico no ciclo de gramaticalização, é de se esperar que alguma de suas formas seja usada não referencialmente. A candidata preferencial seria a forma clítica.

Tais predições implicam o reconhecimento de que uma nova etapa precisa ser incluída na descrição dos ciclos de gramaticalização: o momento da formação de expletivos. Por definição, os expletivos são itens não referenciais, i.e. sem traços semânticos em sua matriz lexical. Em vista do exposto, propomos que a descrição que aparece em (4a) seja estendida, tal como em (4b) de modo a incluir uma nova etapa, aquela de formação de expletivos. Desse modo teremos a hierarquia semântica (4c).

(4) a. item lexical > item gramatical

b. item lexical > item funcional > expletivo

c. item referencial > item não referencial

### 3. JUSTIFICANDO A HIERARQUIA (4c)

A suposição de que haveria uma simetria entre perda de substância fonética e perda de conteúdo semântico tem estado presente

na literatura sobre gramaticalização. Com base nessa suposição, fizemos predições sobre um uso não referencial do item *cé*, que seria o estágio mais avançado do processo iniciado com *vossa mercê* no século XV da história do português (Said Ali, 1976).

Para obter um quadro onde descrever tal processo diacrônico, propusemos (4c). Nesta seção vamos retomar a noção de referencialidade, de modo a distinguir dois tipos de referência e, assim, refinar a hierarquia representada em (4c).

### 3.1 Tipos de referência: virtual e real

Milner (1982, p.10) introduz uma distinção entre referência virtual e referência real que corresponde, parcialmente, à distinção fregueana “Bedeutung/Sinn”: “Le segment de réalité associé à une séquence est sa référence actuelle; l’ensemble de conditions caractérisant une unité lexicale est sa référence virtuelle”.

Consideremos, a título de exemplificação, a distinção entre nome comum e pronome pessoal. A todo nome, é possível associar, fora do enunciado, uma extensão, a classe de seres designados por esse nome. Por outro lado, não se pode associar a um pronome pessoal uma classe bem definida de seres a qual ele se refere. Um pronome, que pode designar qualquer elemento, não possui uma extensão fora do enunciado. Para analisar o comportamento semântico de um pronome pessoal, é preciso fazer intervir o ato de fala do qual ele participa. Isto quer dizer que um pronome pode denotar, isto é, selecionar um referente no universo do discurso mas ele o faz de maneira indireta: a identidade do referente, que não é determinada pelos traços gramaticais do pronome, deve ser recuperada levando-se em conta as indicações do contexto.

Esta descrição nos permite propor a seguinte caracterização, segundo Rouveret (1987): (a) os nomes comuns são termos dotados de referência virtual e de referência real próprias; e (b) os pronomes pessoais são termos desprovidos de referência virtual, mas dotados, no enunciado em que aparecem, de referência real.

VITRAL, Lorenzo e RAMOS, Jânia. *Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica?*

### 3.2 Refinando a hierarquia (4c)

Com base na distinção entre referência real e referência virtual, podemos refinhar a hierarquia (4c). Tem-se, portanto,

- (5) Referência virtual > referência real > sem referência  
[+def > -def]

Se o percurso item lexical > item grammatical for descrito como (5), poderemos descrever a “perda de conteúdo semântico” como perda de traços semânticos que caracterizam a referência virtual (i. e. traços semânticos que permitem ao item selecionar diretamente um referente no universo do discurso).

## 4. AVALIANDO AS PREDIÇÕES

Na seção (2), com base na suposição de que haveria harmonia entre perda de substância fonética e perda de substância semântica, fizemos uma predição de que se houvesse uso não referencial dos itens do ciclo de gramaticalização *vossa mercê* > *cê*, o candidato preferencial seria a forma foneticamente mais reduzida, no caso, *cê*. Nesta seção vamos apontar os resultados da investigação de uso de formas não referenciais no português do Brasil.

### 4.1 Expletivos

Itens usados não referencialmente são identificados como expletivos. Tais itens não contêm traços semânticos. No inglês tem-se *it* e *there*, como em (4ab); no francês, tem-se *il*, como em (5). Há também expletivos em outras línguas: *es* no alemão, *er* no holandês, etc.

- (4) a. It seems that Mary is honest.  
b. There are many boys here.  
(5) Il pleut.

Os expletivos, por não conterem traços semânticos, não podem ser interpretados, buscando-se um antecedente no discurso ou na frase, contrariamente aos pronomes pessoais. As posições preferenciais para a ocorrência de expletivos, como se sabe, são sentenças existenciais.

Diferentemente do que ocorre em outras línguas, não temos itens expletivos específicos no português. Entretanto, Duarte (1997) mostra que há usos expletivos de formas pronominais no português. Vejam-se os exemplos:

- (6) a. Todas as lojas que você tem aqui nos grandes bairros  
(ex. (10) de Duarte, 1997).
- b. Em Kioto você tem aquela confusão nas ruas.
- c. Em Buenos Aires você tem confeitarias.

O item *você* aparece numa posição não temática e sua presença não pode ser explicada como resultante de movimento a partir de outra posição sintática da sentença. Não pode também ser analisada como vocativo, por não ter recebido entoação marcada.

Este uso de *você* representa um problema para a correlação estreita entre perda de substância fonética e perda de informação semântica, na medida em que não é a forma foneticamente mais reduzida, i.e. a clíctica, a que está sendo usada como expletivo.

## 5. CONCLUSÕES

Os resultados apresentados constituem um obstáculo à suposição de que haveria uma simetria entre perda de substância fonética e perda de conteúdo semântico. Os dados do português referentes ao percurso [vossa mercê >...> cê] mostram que a forma *você*, e não a forma *cê* ou zero, configura um expletivo. Essa conclusão constitui então um problema para a suposição corrente na literatura sobre gramaticalização, de que haveria correspondência biúnivoca entre perda de conteúdo semântico e perda de substância fonética.

VITRAL, Lorenzo e RAMOS, Jânia. *Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica?*

Por outro lado, se aceitarmos que a hierarquia (5) descreve adequadamente o processo de gramaticalização no que concerne à parte do conteúdo, teremos de aceitar que o expletivo constitui a fase final desse processo, o que nos permite concluir que a perda de conteúdo semântico descreve, na verdade, o percurso [item lexical > expletivo] e não o percurso [item lexical > item gramatical].

Tais fatos levam-nos a rever hierarquias do tipo de (1), com o propósito de desfazer uma mistura de níveis de análise, que reúnem informações de natureza distinta dos itens: referencialidade e realização morfológica.<sup>2</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- CHOMSKY, N. (1995) *The minimalist program*. Cambridge, The MIT Press.
- CROFT, W. (1990) *Typology and universals*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DUARTE, M. E. L. (1997) *A sociolinguística paramétrica: perspectivas*. Comunicação apresentada no I Seminário Nacional de Estudos Lingüísticos, João Pessoa.
- DUTRA, R. (1991) *A gramática do português oral: folha de exemplos*, ms., UFMG.
- HEINE, B.; REH, M. (1984) Grammaticalization and reanalysis. In *African Languages*, Hamburg, Helmut Booke Verlag.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KURILOWICZ, J. (1965) The evolution of grammatical categories. In *Esquisses Linguistiques*. Munich, Fink, p.38-54.
- MEILLET, A (1958) L'évolution des formes grammaticales, In *Linguistique Historiques et Linguistique Générale*. Paris.
- MILNER, J. C. (1982) *Ordre et raisons de langue*. Paris, Seuil.
- RAMOS, J. (1997) O uso da forma você, ocê e cê no dialeto mineiro. In DA HORA (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa. Idéia, p.43-60.
- ROUVERET, A (1987) *La syntaxe des dépendances lexicales: identité et identification dans la théorie syntaxique*. Thèse d'État, Université Paris VII.
- SAID ALI, M. (1976) *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro, Grifo.
- TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) (1991) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam, John Benjamins, 2 vols.

<sup>2</sup> Ver Vitral (1997) para uma implementação dessa proposta, tomando como objeto o fenômeno da negação.

*Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 3, p. 55-63, 1999.

- VITRAL, L. (1996) A forma Cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4, 1. UFMG, p.116-24.  
\_\_\_\_\_. (1997) *A Negação: Teoria da checagem e mudança lingüística*, ms., UFMG.

**ABSTRACT:** The change process that occurs with the forms *vossa mercê* > *você* > *cê*, analysed in Vitral (1996) and Ramos (1997), is resumed in this paper which discusses the nature of semantic modification found in the literature on grammaticalization. We argue that the process above must be described as a loss of virtual reference (Milner, 1982) and not as a loss of semantic substance, which, on the other hand, is adequate to describe the expletive usage of the form *você*.

**Keywords:** politesse forms, cliticization, grammaticalization, expletive.